

português nas comemorações dos 500 anos da “Descoberta” do Brasil. Assim, ao lermos ensaios que foram redigidos ao longo de quatro décadas torna-se impossível deixar de notar o seu carácter fragmentário,

este é superado pela coerência histórica dos argumentos que sustentam a visão crítica de Eduardo Lourenço.

Catarina Laranjeiro

Andy Bennett (2013), *Music, Style, and Aging: Growing Old Disgracefully?* Philadelphia, Pennsylvania: Philadelphia Temple University Press, 210 pp.

Andy Bennett tem passado as últimas duas décadas a reinterpretar a *popular music* sob um prisma pós-subculturalista e do *cultural turn*, adensando uma linha de investigação determinante à escala mundial com lastro nos Estados Unidos, no Canadá, na Austrália e nos diferentes países europeus, incluindo Portugal. A reinterpretação da Escola de Birmingham e dos *cultural studies* tem ocupado um lugar central na sua obra, sendo de destacar o estudo seminal que fez em conjunto com Richard A. Peterson – *Music Scenes: Local, Translocal and Virtual* (2004).¹ A obra *Music, Style, and Aging: Growing Old Disgracefully?*, recentemente editada, surge como corolário do intenso percurso académico do autor e pretende lançar os pilares para o desenvolvimento de um debate muito importante que se prende com a permanência de vinculações (sub) culturais ao longo do ciclo de vida dos indivíduos. Isto é, trata-se de perceber, com detalhe, como os hábitos, práticas e atitudes dos entusiastas do *rock*, do *punk* e da *electronic dance music* moldam os seus estilos de vida à medida que envelhecem. Esta questão, já a florada por Bennett em “Punk’s Not Dead: The Continuing Significance of Punk Rock for an Older Generation of Fans” (2006),² assume

total relevância num contexto de envelhecimento das sociedades de capitalismo avançado plenas de recursos (técnicos e estilísticos) para o acompanhamento dos gostos num processo de (re)afirmação e (re)apropriação incessante de estilos de vida e de práticas de *musical fandom* (marcas corporais, estilos de vestuário e penteados, frequência de concertos, participação em grupos de discussão e de fãs, compra de discos e outros registos fonográficos, coleção de objetos e *memorabilia*, acompanhamento mediático, entre outros). De forma emblemática, Bennett propõe aqui a introdução de uma quarta cena musical para além da local, da translocal e da virtual – a afetiva. As cenas afetivas decorrem do envelhecimento e radicam nas memórias/readaptações geracionais partilhadas e experiência cultural de determinadas músicas ao longo do tempo. Ora, esse “conhecimento e sentimento partilhados” reúnem participantes numa cena afetiva (p. 61) cujo principal trunfo se centraliza no ensejo de uma abordagem diacrónica dos gostos, pertenças e identidades musicais muito para além de uma hegemonia etária, apanágio das teses subculturalistas iniciais. Neste seu mais recente trabalho, Bennett recupera a expressão de Simon Frith em que este

¹ Bennett, Andy; Peterson, Richard A. (2004), *Music Scenes: Local, Translocal and Virtual*. Nashville: Vanderbilt University Press

² Bennett, Andy (2006), “Punk’s Not Dead: The Continuing Significance of Punk Rock for an Older Generation of Fans”, *Sociology*, 40(2), 219-235.

defende que ‘a sociologia do *rock* é inseparável da sociologia da juventude’ e afirma que essa expressão deveria ir mais além, englobando a pertinência de uma análise do envelhecimento e das suas modalidades de relação/incorporação com/na música popular, não o cingindo a uma mera questão de nostalgia e ‘retromania’ (Reynolds, 2011)³ como tem vindo a ser feito em muitas das análises.

Do ponto de vista da abordagem empírica, Bennett realizou entrevistas a fãs entre os 35 e os 61 anos através da amostragem em bola de neve em três regiões/países: East Kent (Reino Unido), Adelaide (Austrália) e Lille (França). A obra encontra-se estruturada em duas partes fundamentais, uma primeira de teor essencialmente teórico e uma segunda que se dedica à análise de um conjunto de casos. Assim, a primeira parte do livro, “Contextualizing Popular Music and Aging”, é composta pelos capítulos “Popular Music and the Aging Audience” e “Individual and Collective Lifestyles of Aging Popular Music Audiences”. Esta parte I dedica-se, como referido, à abordagem teórica dos principais contributos de Bennett acerca da *popular music* demarcando-se da tradição dos *cultural studies*, dando ênfase a questões sociológicas relativas às identidades, ao *lifestyle*, à importância da música no quotidiano e ao *aging* numa aproximação a David Chaney ou Richard A. Peterson. A segunda parte do livro dedica-se à apresentação de *Case Studies*, desenvolvidos ao longo de quatro capítulos: “Toning down the Mohawk. Music, Style, and Aging”; “Career Opportunities: Work, Leisure, and the Aging Popular Music Fan”; “This is ‘Dad House’: Continuity and Conflict among Multigenerational Music Audiences”; e “Still ‘Changing the

World’?: Music, Aging, and Politics”. Cada um destes quatro capítulos aborda domínios específicos do estilo de vida sob influência da música tendo como pano de fundo o envelhecimento. Assim, o capítulo 3 documenta as representações que os entrevistados têm acerca da passagem dos estilos espetaculares da sua juventude e sua vinculação à autenticidade (sub)cultural para um estilo de vestir atenuado, modificado ou inteiramente desvinculado estilística e (sub)culturalmente. O capítulo 4 explora as formas como o *fandom* influenciou as vidas laborais destes fãs. O capítulo 5 foca-se na relação entre fãs mais velhos e fãs mais novos do mesmo estilo musical, numa abordagem inter- e multigeracional. Finalmente, o capítulo 6 analisa a forma como as ideologias de resistência ou de provocação da participação musical juvenil estão associadas às identidades políticas dos fãs mais velhos. Bennett confronta-nos, neste livro, com uma sociedade em mudança que exige uma readaptação crítica da teoria social a novas categorias etárias e geracionais – sendo este um desafio inelutável para a sociologia pois, de acordo com as suas palavras, “a *popular music* e as práticas culturais a ela associadas continuam a ter um papel-chave nas vidas de muitas pessoas de idade” (p. 189).

Importa realçar a pertinência e atualidade de algumas asserções e desenvolvimentos teórico-empíricos presentes neste livro. A primeira prende-se com a relevância da variedade e complexidade de discursos acerca das relações entre música, envelhecimento e preferências estilísticas. Assim, e exemplificadamente, o decréscimo na tónica estilística corresponde a um processo de reflexão e reavaliação crítica dos valores políticos associadas ao vestir

³ Reynolds, Simon (2011), *Retromania: Pop Culture’s Addiction to its Own Past*. London: Faber and Faber.

e às pertenças musicais, fazendo emergir readaptações estilísticas diversas consentâneas com os desempenhos quotidianos também diversificados dos atores sociais e uma reflexibilidade adaptativa ao mundo contemporâneo e ao ecletismo de gostos que subjazem a muitas das práticas e escolhas lúdicas, culturais, musicais, pessoais e familiares. Ora, existe o desenvolvimento de novos meios “pós-juventude” que perpetuam as narrativas sociopolíticas e musicais através das roupas. Decorre também da leitura do *Music, Style, and Aging* uma correlação entre a música, especialmente o *punk*, e a opção por carreiras *do-it-yourself* (DIY). Esta é uma ocasião importante para Bennett assegurar que o DIY é transversal a várias práticas culturais e políticas e está na base de inúmeros projetos de vida, não estando confinado ao facto de se ser jovem. O DIY persiste na trajetória de alguns atores sociais e é refundado e reajustado face aos acontecimentos pessoais e sociais que marcam o trajeto das pessoas ao longo das suas vidas. Mais, a música – e sobretudo o *punk* – não é o único fator determinante na adoção de um *ethos* DIY, mas acaba por ser um fator da máxima relevância, nomeadamente quando acontece na *música em ato* – na pertença a bandas ou na organização de concertos. Outro desenvolvimento desta obra, que nos parece importante aqui realçar, centra-se nas possibilidades de intervenção sociopolítica e na adoção de uma ideologia de ação. Ilustrativamente, Bennett apura que os *punks* mais velhos tendem a ver uma pertença anarquista na juventude como algo ingénua, pois o seu envelhecimento ditou uma reflexibilidade em torno de uma reapropriação mais *soft* destes ideais políticos, reapropriados hoje através do apoio aos movimentos anticapi-

talistas, de defesa dos animais, de ocupação urbana ou de tolerância e respeito pelos outros. O *punk* foi determinante como eixo de sentido crítico em relação ao *establishment* político e às normas culturais, mas é vivido hoje com maior relativismo.

Em suma, este livro mostra-nos a crucialidade da música na estruturação do *lifestyle* de um conjunto de atores mais velhos, retirando a exclusiva importância da música na orientação e condicionamento da transição da juventude para a vida adulta, obrigando-nos a pensar nas consequências dessa dilatação etária no lazer e no estilo de vida dos indivíduos. Com efeito, Bennett mostra-nos como a geração *baby boomer* “está a tomar outra direção no desconhecido cultural, como a primeira geração plenamente mediatizada e consumista que atingiu a meia idade e agora contempla a ‘terceira idade’” (p. 25). Também é fundamental reter a perspetiva do autor, quando este argumenta “que os exemplos musicais e os associados ao estilo e à cultura, escolhidos para o estudo no livro, marcam uma viragem significativa na história da música popular ocidental” (p. 3). A sociologia da cultura e a sociologia das artes encontram-se numa encruzilhada existencial, pois necessitam de explicar e compreender com urgência a importância do impacto da idade e da noção de geração na apropriação musical e lúdica, sobretudo quando estas são feitas dentro de espectros estilísticos relativamente desconfortáveis para os cânones clássicos e que se prendem com a geração *rock ‘n’ roll* – hoje já a viver a ‘terceira idade’. *Music, Style, and Aging* constitui um contributo relevante para o aprofundamento desta discussão.

Paula Guerra